

O IVº CONGRESSO INTERAMERICANO DE ESCRITORAS

Nádia Battella Gotlib

Realizou-se na cidade do México, de 3 a 6 de junho de 1981, o “IVº Congresso Interamericano de Escritoras”, sob o patrocínio da Universidade Nacional Autônoma do México, do Instituto Nacional de Belas Artes, da Direção Geral de Assuntos Culturais da Secretaria de Relações Exteriores e da Associação de Escritores do México. A Comissão Organizadora foi composta por Amparo Dávila, Isabel Fraire, Margo Glantz, Elena Poniatowska, Elena Urrutia — profissionais ligadas à atividade docente universitária ou ao trabalho de escritoras.

O Congresso reuniu quase 400 participantes, na sua grande maioria mulheres, provenientes de vários países americanos e de alguns países europeus onde se desenvolvem estudos ou textos de certa forma relacionados com a literatura feminina das Américas.

O objetivo do Congresso foi, fundamentalmente, o de divulgar a literatura feminina americana e de, segundo o “programa”, “contribuir para o estudo e conhecimento das características especificamente femininas em nossas literaturas, produzidas no decorrer deste século.” Neste sentido, a programação assegurava o desenvolvimento do trabalho de divulgação inaugurado em 1975, com o 1º Congresso realizado na Universidade de Carnegie-Mellon, em Pittsburgh, Estados Unidos, aproveitando o ensejo das comemorações do “Ano Internacional da Mulher”, e que tinha por objetivo difundir a literatura feminista americana. A proposta de desenvolver este trabalho norteou também as preocupações do IIº Congresso, realizado na Universidade de San José, Califórnia, em 1976, e do IIIº Congresso, este realizado na Universidade de Ottawa, Canadá, em 1978, oportunidade em que se incluiu a literatura brasileira no programa e em que se prestou uma homenagem à escritora Clarice Lispector, falecida no ano anterior ao da realização deste Congresso.

O “Programa Geral” do IVº Congresso obedecia, pois, à proposta fundamental de divulgação da produção literária feminina, agora

através do estudo dos seus modos de ocorrência no século XX, com temário disposto conforme se segue:

OITENTA ANOS DE LITERATURA FEMININA

- 1 Existência ou inexistência de uma literatura especificamente feminina.
2. Sexo e escritura: a escritura e o corpo.
3. Contribuições da escritura da mulher para a literatura do século XX: linguagem, estrutura, temática.
4. Contribuições das mulheres às transformações da crítica, da pesquisa (nos campos da literatura, arte, ciências sociais) e do jornalismo.
5. Possibilidades de uma teoria e de uma metodologia literária aplicáveis à literatura feminina.
6. Literatura feminina e sociedade: transgressão ou continuidade das formas estabelecidas.
- 7 Censura, autocensura e repressão social.
8. Sistemas de representação dominantes: diversas imagens e discursos atribuídos à mulher.
9. Sexismo na literatura infantil.

Estava com a razão o senhor Reitor da UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México) quando, na sessão de abertura, constatou provável e aconselhável ambiente polêmico e de diálogo que deveria prevalecer na condução dos trabalhos. Foi o que tive oportunidade de constatar nos debates centralizados sobretudo em torno dos temas: 1) existência ou não de uma literatura especificamente feminina; 2) novas teorias críticas para o exame das obras femininas; 3) a produção literária feminina e contextos ideológicos e políticos. Tais preocupações provocaram movimentação nas salas e pátios internos do belíssimo prédio em estilo barroco onde atualmente funciona a Escola de Medicina e que serviu de sede do Congresso, o “Palacio de la Inquisición”, na Plaza Santo Domingo, no centro da cidade do México.

Para lá se dirigiram dez participantes da delegação brasileira, a saber: Lygia Fagundes Telles; Néliida Piñon; Bella Josef (UFRJ), Tereza Pires Vara (USP); Fúlvvia Rosemberg (Fundação Carlos

Chagas); Miriam Paglia Costa (Jornalista e poetisa); Lúcia Vilares (Jornalista e poetisa); Maria de Lourdes Hortas (poetisa-Recife); Maria Carneiro da Cunha (jornalista) Algumas destas participantes já haviam se reunido por ocasião de um debate sobre “Literatura Feminina”, organizado por Eunice Arruda e Maria Carneiro da Cunha, com a colaboração da UBE (União Brasileira dos Escritores) nos dias 25 e 26 de junho de 1981, com vistas a preparar questões para serem levadas ao Congresso do México. Participaram deste encontro preparatório, entre outras: Renata Pallottini (poetisa, prof^a da ECA-USP), Ida Laura (poetisa), Fúlvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas), Jeanne-Marie Gagnebin (PUC-SP), Ilka Brunhilde Laurito (poetisa) No decorrer destes debates, foram questionados os vários problemas referentes ao assunto ‘literatura feminina’, concluindo-se, sobretudo, pela importância e necessidade de um estudo sistemático dos ‘modos de participação da mulher na literatura brasileira’, com o objetivo de detectar a existência (ou não) de uma linha de tradição feminina do discurso literário produzido pela mulher brasileira. Apesar do público restrito que compareceu a estas discussões, e apesar das digressões que surgiram por ocasião dos debates, foram abordados tópicos fundamentais para o estudo do tema em questão, levados como subsídios para os debates futuros a serem desenvolvidos no Congresso do México.

As atividades do “IV^o Congresso Interamericano de Escritoras”, reunidas num denso “Programa” publicado em trinta páginas, distribuíram-se em: a) mesas de comunicações; b) sessões plenárias; c) espetáculos vários. As duas primeiras atividades — as “mesas de comunicações” — três a quatro realizadas simultaneamente — e as “sessões plenárias” — duas a três por dia, tinham por tema os 9 tópicos anunciados no “Programa Geral do Congresso” (aqui anteriormente citado) As atividades artísticas consistiram em: 1) visita à exposição de pintura no saguão do “Palacio de Bellas Artes”, após cerimônia de abertura do Congresso; 2) leitura de poemas feita por escritoras de diversos países, imediatamente após as sessões plenárias; 3) espetáculo de dança pelo “Ballet Folklorico de México”, no Palácio de Belas Artes; 4) recital de poesia: “Si me permiten hablar. La Voz de la Mujer de América Latina”, com Susana Alexander (textos de várias poetisas latino-americanas); 5) representação da peça teatral *Vacío*, baseada no texto *Tres Mujeres*, de Sylvia Plath, em espetáculo de Julio Castillo; 6) visita ao “Museu de San Carlos”, após cerimônia de encerramento do Congresso.

Dos trabalhos apresentados, alguns seguiram linhas bem definidas de abordagem dos temas e colaboraram no sentido de fornecerem subsídios de informação e problematização dos tópicos em exame.

Saliento os textos que prestaram informações sobre a trajetória da mulher-escritora, desenvolvendo um panorama histórico da participação da mulher na literatura: é o caso do texto de Nélide Salvador (Argentina), em “Actitud creadora de la mujer en la poesía argentina” e de Norma Pérez Martín (Argentina), em “la Mujer en el Teatro Argentino”. O trabalho de Lúcia Villares, “As Mulheres na Poesia Marginal”, também examinava uma faixa da camada de produção literária feminina em função dos temas, dos momentos do movimento feminista brasileiro e dos processos ‘marginais’ de produção, edição e divulgação destes textos poéticos. Daisy Zamora (vice-primeira Ministra da Cultura do governo da Nicarágua) com o trabalho “La mujer en la revolución nicaraguense y la revolución en la literatura de la mujer nicaraguense” delineou o quadro histórico da literatura de Nicarágua condicionando a qualidade da produção literária ao engajamento no governo revolucionário do seu país. Esta posição de se considerar a literatura como ato político e a seu serviço foi também a posição assumida pela representante da União dos Escritores Palestinos, que ressaltou a difícil situação do seu povo, atribulado pela guerra e pelas preocupações diárias e de caráter imediato na luta de defesa do território nacional.

Um outro tipo de abordagem procurou examinar setores específicos da produção literária feminina, pela análise de obras representativas de escritoras. Houve, neste trabalhos, como em outros, aliás, alusões frequentes a Marguerite Yourcenar, Doris Lessing, Lilian Hellman, Anais Lin, Marguerite Duras, Simone Weil, Adrienne Rich. Nesta linha de análise de autoras específicas, situo o trabalho de Teresa Pires Vara, “Cacos para um vitral: a poesia de Adélia Prado”, procurando eliminar o distanciamento entre a voz da crítica e a voz da poesia, num discurso empático de confissão implícita de afinidades; e o de Helena Araújo, colombiana radicada na França, que analisou uma obra da argentina Luisa Valenzuela, em “*El proceso a la Virgen*, de Luisa Valenzuela”, em que detectou dois tipos de comportamentos femininos: o que se apóia na ‘proteção viril’ e o que tenta libertar-se de tal proteção, sendo, neste caso, rechaçado pela sociedade patriarcal conservadora. E cito o trabalho apresentado por mim, “Literatura Brasileira Feminina no século XX: Clarice Lispector”, em que procurava examinar a situação de ‘crise’ da mulher na literatura de Clarice Lispector, entre uma constituição social burguesa repressora e uma tendência de fascínio pela libertação da condição social de dominada.

O tema que suscitou mais polêmica foi, sem dúvida, o referente às especificidades (ou não) existentes na literatura feminina e às razões de importância (ou não) de um estudo específico da produção lite-

rária feminina. As discussões foram muitas e creio que os resultados não foram satisfatórios. Aliás, as linhas de interpretação e análise do objeto 'literatura feminina' ficaram bem nítidas, no decorrer dos debates: 1) linhagens de feição 'feminista', que procuravam fortalecer o desenvolvimento da participação feminina também através da produção literária; 2) linhagens não fundamentalmente de caráter 'feminista', que procuravam, por instrumentos de caráter político e/ou estético, fortalecer a compreensão dos modos de participação feminina num contexto social mais amplo da produção literária e com vistas a atender ao caráter universalizante da literatura (Lygia Fagundes Telles, Brasil; Angélica Gorodischer, Argentina; Magda Portal, Peru).

Com ou sem embasamento de caráter 'feminista', a colocação das questões do 'feminino' na literatura suscitou debates em torno de problemas importantes como: a averiguação das características tipicamente femininas e as características femininas típicas de culturas de determinados países (Margaret Randall, México); o sexismo e a androginia, discutidos principalmente em função da obra *Orlando*, de Virginia Woolf; a determinação da raízes femininas na criação: o artesanato, a transmissão oral, o bordado, as receitas de cozinha, o diário íntimo, a poesia (Támara Kámenzain, "Bordado y escritura del texto"). Possibilitou, ainda, discussões sobre as determinações sexuais como elementos sociais e não sociais, questionando o problema da liberação da mulher na relação com a luta de classes, os sistemas de repressão, discriminação e injustiça social (Antonieta Madri, Venezuela)

A consideração da literatura feminina sob o ponto de vista 'teórico' fundamentou trabalhos em torno do estudo de uma linhagem de *crítica literária feminista*. Gabriela Mora (radicada nos EEUU) em "Crítica literária feminista: aproximaciones a su Teoría y a su Práctica" propôs um histórico da teoria da crítica desde Simone de Beauvoir até outras estudiosas mais recentes, apoiando-se em extensa bibliografia teórica sobre o assunto. Esclareceu como tais estudos têm atuado na prática exemplificando com *tipos* diversos de pesquisas que tentam detectar os problemas específicos da mulher como parte de um contexto social amplo, tais como: a imagem da mulher segundo a visão tradicional exalta valores autênticos ou impostos? quais os temas literários de sua preferência? quais as figuras e expressões do uso feminino?

Maria Eugenia Cossío, em "Por una crítica sexual", baseou-se na especificidade sexual como elemento de distinção de leitura feita por mulheres: se admitida como válida a leitura feminina, considera-se como possível — e este é o fundamento da sua tese — a ocorrên-

cia de uma leitura sexual e o conseqüente estudo de tal leitura, por uma crítica sexual, ou seja, um estudo de recepção de texto que leve em consideração a especificidade sexual: de como o homem lê diferentemente da mulher e de como críticos se comportam diferentemente — se homens, se mulheres — diante dos mesmos personagens. Esta proposta, levada a outras conseqüências, extremas, aceitaria a idéia de uma *teoria da literatura feminista*, examinada do ponto-de-vista da mulher, e, conseqüentemente, de uma outra *história da literatura feminista*, de acordo com os posicionamentos assumidos no exame desta produção literária.

Textos de caráter literário, na linha do depoimento pessoal de escritoras, dominou grande parte do repertório das comunicações. Estes variaram em nível de 'elaboração' estética. Houve textos mais 'coloquiais', que se aproximavam do tom de conversa informal com o público e houve os que procuraram, a partir deste traço, o da informalidade, chegar a uma exaltação por vezes exacerbada, dos modos do 'ser feminino', questionando, aí, as relações entre *escritura e corpo*. Nicole Brossard ("El cuerpo y la escritura"), de intensa participação no feminismo canadense, num discurso teórico-poético, interroga sua própria escritura analisando, metalinguisticamente, o ato de escrever; Alicia Dujovne (da Argentina, radicada na França), no texto "El Cuerpo Transparente", se insurge contra a austeridade e com irreverência, humor e ironia, faz a apologia da mulher que se entrega ao prazer da escritura.

O tema "Sexismo na literatura infantil", que contou com duas sessões de comunicações, foi tratado, entre outras, por Elena Dreser ("Busquemos alternativas na literatura infantil") e por Angela Zago e Thais Manzanilla ("Análise de dois modelos de contos") Fúlvia Rosemberg, do Brasil, com a comunicação "Discriminações sexuais na literatura infanto-juvenil brasileiras", mostrou os resultados de uma análise exaustiva de quase 300 livros de literatura infanto-juvenil, questionando os resultados em função do contexto social de onde surgiu esta produção literária.

Na sessão de encerramento, Elena Poniatowska ("Contribuciones transformadoras de la mujer en la literatura del siglo XX"), autora, entre outros, do romance *La Noche de Tlatelolco* que trata do movimento estudantil mexicano, no ano de 1968, fez um retrospecto de mulheres escritoras, lembrando o papel reacionário de umas e o revolucionário de outras, defendendo a literatura participante que se coloca em defesa dos oprimidos, como colocaram-se Simone Weil e Alaide Foppa.

O Congresso prestou também uma homenagem a Alaide Foppa, escritora de cidadania guatemalteca que foi sequestrada a 19 de dezembro de 1980 pelo governo da Guatemala. Alaide Foppa, além de poeta, crítica de arte, jornalista, tradutora, ministrou o primeiro curso de “Sociologia da Mulher” na Faculdade de Ciências Políticas da UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México)

O Congresso colaborou, pois na minha opinião, para criar o espaço de discussão nem sempre possível no rol das preocupações de fundo patriarcal e machista, que não consideram o campo de estudo de assuntos referentes à mulher digno de investigação sistemática, ou que confundem o simples desenvolvimento de estudos referentes à mulher com posições políticas feministas de caráter discriminador.

Permitiu o esclarecimento de algumas das diversas facções político-ideológicas no que respeita à colocação do problema da *mulher* na América Latina, enquanto produtora de textos literários (de ficção) e enquanto leitora profissional e produtora de outros textos (de teoria, crítica e história da literatura)

Tais abordagem polarizaram-se no ‘modelo revolucionário’, a considerar a literatura como instrumento de luta política e sempre a seu serviço, segundo representantes da Nicarágua e Cuba; e na vertente com preocupações de ordem eminentemente ‘estética’, a considerar a escritura, ela mesma, como processo libertador do ser, segundo algumas representantes da Argentina, Canadá e México.

Houve, no entanto, trabalhos que reuniram, em texto literário de alta qualidade estética, a produção marcadamente pessoal e de representação de um contexto social e político experimentado criticamente, por vezes com louvável bom humor e arguta ironia — caso de Alicia Dujovne.

Se estas *questões* continuam, na maioria, constituindo *questões*, sem suportes teóricos discutidos suficientemente, elas revelaram também um objetivo que ficou bem claro, por parte de alguns setores de participantes do encontro: que o estudo sistemático destas supostas especificidades femininas tem por finalidade uma compreensão que visa favorecer e propiciar *compreensão mútua*, entre todos que compõem o conjunto social dos que trabalham com a arte literária, sem discriminações redutoras; visa, num outro plano, repercussões que provoquem na realidade social e política a sedimentação de condições *necessárias* ao bom desempenho feminino no seu trabalho com a arte da literatura.

O próximo Congresso, previsto para 1983, deverá ser realizado em outro país da América Latina. Houve sugestão, por parte da Comissão Organizadora do IVº Congresso, de que ele fosse realizado no Brasil. (*) (**)

(*) — Textos de e sobre o Congresso já foram publicados em jornais e revistas do México e Estados Unidos. No Brasil, houve notícia de Congresso no jornal *Mulherio*, Ano I, nº 2, julho /agosto de 1981 (“Respeitar a criança, o passo necessário por Fúlvia Rosenberg”); na revista *Visão* de 22/junho/1981 (“Literatura: Espaço Polêmico”, por Miriam Paglia Costa); no jornal *Leia Livros* (ano IV, nº 37, 15/julho a 14/agosto/1981) da editora Brasiliense (“As escritoras no México”, por Lúcia Villares) e em reportagens do jornal “A Folha de São Paulo”, por Maria Carneiro da Cunha, a saber: “Gostosa Gargalhada”, de Alicia Dujovne (trad. de Maria C. da Cunha): “Folhetim”, 1/jul./81; “Daisy Zamora, a poesia no poder” (entrevista de Maria C. da Cunha): “Folha de São Paulo”, 19/jul./81; “A Verdade de Elena” (entrevista de Maria C. da Cunha com Elena Poniatowska): “Folhetim”, 9/ag./81; “As Façanhas da Cavaleira Andante” (entrevista de Maria C. da Cunha com Alicia Dujovne): “Folhetim”, 20/set./81.

Matéria do “IV Congresso Interamericano de Escritores” (textos das comunicações, entrevistas com escritoras, textos de poesia das escritoras) está sendo preparada por algumas das brasileiras que participaram do Congresso e deverá constituir um número da revista *Almanaque*, editada pela Brasiliense e com publicação prevista para agosto de 1982.

(**) — Minha participação no referido Congresso foi possível graças ao auxílio concedido pela CAPES-MEC.